

Oscar Castro Neves



Violonista emérito, compositor, arranjador, produtor, Oscar Castro Neves sabe tudo de música. Veio ao mundo bem acompanhado: nasceu trigêmeo, em 15 de maio de 1940, no Rio de Janeiro, numa família em que todos tocavam algum instrumento. Tinha 16 anos quando compôs “Chora tua tristeza”, seu primeiro grande sucesso. Pouco depois, em companhia de Antonio Carlos Jobim, João Gilberto, Carlos Lyra, Roberto Menescal e tantos outros artistas de uma geração excepcional, tornou-se um dos criadores da Bossa Nova, movimento que ainda hoje delicia inúmeros apreciadores, em todo o mundo.

Oscar teve notável participação no primeiro concerto de bossa nova nos Estados Unidos, realizado em 22 de novembro de 1962, no *Carnegie Hall*, Nova York. A partir de então, consolidou-se como um artífice da abertura do mercado norte-americano à música brasileira. Excursionou com Dizzy Gillespie, Stan Getz, Lalo Schiffrin, Laurindo de Almeida e gravou com Quincy Jones, Ella Fitzgerald, Herbie Hancock, Barbra Streisand, Paul Winter, Dave Grusin, Toots Thielemans, Harry Belafonte e até Michael Jackson. Em 1971, juntou-se a Sérgio Mendes e, como violonista, diretor musical e às vezes co-produtor, gravou mais de 15 discos com o Brazil 66, grupo com o qual apresentou-se em quase todas as grandes salas do circuito internacional.

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Com “Soul of Tango”, que produziu, em 1999, para o violoncelista Yo-Yo Ma, Oscar alcançou imenso sucesso popular e acabou agraciado com o *grammy* na categoria “best classical crossover”. Outra gravação, “Leaning into the night”, com o guitarrista Ottmar Liebert, permaneceu nas paradas da *Billboard Classical Crossover* por mais de um ano. Compôs e orquestrou a música de vários filmes, entre os quais “Blame it on Rio”, “Gabriela” (com música de Jobim), “LA Story”, “He said, she said” e “Larger than life”. Durante seis anos, produziu a noite brasileira no Hollywood Bowl, em Los Angeles. Entre seus créditos mais recentes, encontra-se a trilha sonora do seriado “Watching Ellie” para a rede de televisão NBC.



Essa extraordinária bagagem musical assegura a Oscar Castro Neves a admiração do público e os aplausos da crítica, que destacam a sua sofisticada concepção harmônica e a textura delicada e rica de seus trabalhos para orquestra. Mas tudo isso é pouco para definir o homem. Nele, o que mais impressiona é a dimensão humana, a alegria de viver, a delicadeza para com todos e a calorosa devoção à família e aos amigos. Oscar é, enfim, uma flor de pessoa. Sou seu fã desde menino e tive enorme prazer em organizar a conversa registrada abaixo, que contou ainda com a participação de Sérgio Mielniczenko.

Embaixador José Vicente Pimentel

Lembro que ia à casa do Tom e ficava completamente extasiado com a maneira dele fazer as coisas, aquela economia harmônica, aquela precisão. Sem exagero, quando voltava para casa e tirava a temperatura, eu estava com febre, de tão encantado, de tão excitado.

JVP – Oscar, conte, para começar, como você compôs “Chora tua tristeza”, seu primeiro grande sucesso.

OCN – Fiz “Chora tua tristeza” dentro de um loteação, brincando com intervalos. Cheguei em casa correndo e peguei o violão, para poder tocar a harmonia que tinha no ouvido desde que sentei no loteação. Quem colocou a letra foi o Luvercy Fiorini, um arquiteto, bom amigo, meu parceiro também em “Menina feia”. Na mesma época, fiz outra música com Ronaldo Bôscoli, chamada “Não faz assim”, gravada pelos Garotos da Lua, aquele grupo de que o João Gilberto participou.

JVP – Era a segunda metade dos anos 50 e o Brasil vivia uma fase risonha, Juscelino Kubistchek, eleito presidente, prometia 50 anos de desenvolvimento em seus 5 anos de mandato. É nesse clima de otimismo que nasceu a bossa nova, da qual você é sócio fundador...

OCN – Era um Brasil feliz, havia esperança no ar. Essa atmosfera gerava uma certa *naiveté*. A bossa nova é *naïve*, com barquinho, sol e mar, toda aquela ilusão, perdi a namorada mas vou ganhá-la de novo amanhã... A bossa nova nasceu e ganhou o mundo em função de um conjunto de fatores. Primeiro pela qualidade da música, produzida por músicos maravilhosos, mas também pelo clima favorável do país e pela espontaneidade que existia. A gente fazia a música pela qual estava apaixonado. Aquela música, que eu chamo de samba urbano, era feita por uma turma de rapazes e moças de classe média que vivia na Zona Sul e tocava violão. Acabamos virando todos grandes amigos.

JVP – Que tipo de música você ouvia naquela época?

OCN – Ouvia de tudo. Com 14 anos descobri o jazz, a parte harmônica que enriquece o jazz. Ouvia Charlie Parker, Dizzy Gillespie, Stan Getz, dos guitarristas

lembro de Barney Kessel. Na minha casa, a gente ouvia também muito Bach, Stravinsky, os impressionistas Debussy e Ravel. Desenvolvi naturalmente um ouvido harmônico. Ao tocar com meus irmãos em casa, e estávamos sempre tocando, queríamos fazer com que a parte harmônica ficasse mais rica. De repente, descobrimos que havia mais gente querendo a mesma coisa, pessoas do nível de Jobim, Menescal.

JVP – Nos anos 30, como contam João Máximo e Carlos Didier na sua excelente biografia de Noel Rosa (*), havia uma turma que se reunia em Vila Isabel e deu muito samba. No final dos 50, havia uma nova turma em Copacabana...

OCN – Exato, era uma turma em que prevalecia uma união, uma camaradagem que talvez não haja clima para reproduzir hoje em dia, porque a música virou business, virou indústria, cresceu tanto que as pessoas se isolaram em compartimentos estanques. Naquela época, não. Sabe como conheci o Tom? Eu e meus irmãos tínhamos um grupo, Os irmãos Castro Neves. Um belo dia, Mário, meu irmão mais velho, pegou o telefone e ligou para o Tom. “Tom, aqui é Mário Castro Neves”. “Ah, dos irmãos Castro Neves, conheço vocês. Tudo bem? O que você manda?”. “Nós temos aqui na garagem um pianinho, estamos fazendo umas músicas, você não quer vir tomar uma cerveja, bater um papo?”. Eu, do lado de cá, ouvi o Tom berrar para a mulher: “Teresa, tem alguma coisa hoje à noite? Tem não?”. E voltando a falar com Mário: “Olha, eu vou pegar um táxi e daqui a pouco estarei aí”. Foi, tomou cerveja, ouviu, tocou e assim começou uma amizade que durou para sempre. Eu tinha 16 e o Tom 30, a



diferença era grande. Lembro que ia a casa do Tom e ficava completamente extasiado com a maneira dele fazer as coisas, aquela economia harmônica, aquela precisão. Sem exagero, quando voltava para casa e tirava a temperatura, eu estava com febre, de tão encantado, de tão excitado.

JVP – Já naquele tempo, Tom era a grande figura, não é?

OCN – O Tom era grande. O Tom inteiro. Não só o Tom compositor, não só o Tom pianista, mas também o Tom carismático, o Tom contador de histórias, o Tom que sabia o nome de todos os pássaros, de todos os peixes, o Tom inteiro era um sujeito fascinante mesmo. Eram

tempos de grande solidariedade. Estávamos sempre tocando as músicas dos outros, não só as nossas próprias. “Olha aqui a última do Menescal, Tom”, e Tom achava o máximo. Imagino em meus sonhos que talvez o movimento impressionista tenha sido assim. Baudelaire era amigo de Debussy, que era amigo de Ravel, e assim éramos nós.

JVP – Havia também grandes personagens femininas. Nara Leão, por exemplo.

OCN – A Nara, antes de mais nada, era uma graça. Quando garota, namorava o Ronaldo Bôscoli. Os pais, Jairo e Tinoca, tinham um apartamento maravilhoso, com um salão enorme em frente à praia. A moda eram as festinhas para dançar. Nas nossas reuniões, ninguém dançava, pegávamos o violão e ficávamos cantando até o sol nascer. A casa da Nara era perfeita para isso, estavam sempre prontos para nos receber. Por isso, quando alguém perguntava: “Para onde vamos hoje?”, no mais das vezes a resposta era: “Vamos para a casa da Nara”.

JVP – O estilo dela era inconfundível e o repertório, primoroso.



OCN – Você pega qualquer disco da Nara, o repertório é maravilhoso. E ela era um doce de coco. Tive uma grande tristeza, anos atrás, quando fui tocar no Brasil, no Free Jazz. Tocar em casa é diferente, é um prazer e, ao mesmo tempo, é muito perigoso. Tocar no *Carnegie Hall* não tem problema, mas tocar no Brasil, tocar em casa, aí você quer fazer o melhor. Fui com uma banda ótima, de primeira linha, mas estava preocupado. Nara me mandou um telegrama, “não posso ir, um carinho grande”. Liguei para ela, “que pena que você não vem, eu gostaria tanto”, deixei um abraço e ficou por isso. Ela não me disse nada, mas já estava entrando no hospital; um mês depois, morreria. Se soubesse, teria feito um esforço maior para vê-la. Até hoje sinto tristeza, mas não sabia de nada, pensei comigo “vejo a Nara depois”. E não vi.

JVP – Quando vocês se deram conta de que a bossa nova poderia vir a ser algo importante?

OCN – O Tom já era o Tom, mas nós estávamos ali basicamente para nos divertir. Nem se contava com a hipótese de fazer sucesso. Havia um fotógrafo, o Francisco Pereira, que tinha um gravador muito bom. Era um negócio fascinante ir a casa dele gravar. João Gilberto ia sempre. Na época, um bom gravador era uma novidade. Um dia, na casa do Chico, peguei o violão e cantei “Chora tua tristeza”. Alaíde Costa, que também estava lá, me pediu para cantar de novo, disse que estava fazendo um disco e, para minha surpresa, perguntou se poderia gravar a música. Nunca me ocorrera que alguém quisesse gravar aquilo. Eu nem sabia escrever música... Corri emocionado à casa do Carlos Lyra, a mãe do Carlinhos era boa em solfejo. Cantei a melodia, ela escreveu as notas, coloquei a harmonia e dei para Nelsinho do Trombone fazer o arranjo. Passados quinze dias, me chamaram do estúdio. Quando ouvi aquelas cordas todas, foi uma emoção. Ouvir a minha música orquestrada!

JVP – Quantos anos você tinha quando fez essa música?

OCN – Dezesseis, por aí. Pouco tempo depois de ter saído o disco, acordei uma manhã e ouvi o leiteiro, pas-

sando em baixo da minha janela, cantando a música. Corri para a rua, de pijama, gritei “rapaz, esta música é minha”. O cara olhou para mim como se eu estivesse louco, disse “sei, sei...” e saiu de fininho. Em pouco tempo, “Chora tua tristeza” tinha 50 gravações diferentes. Agostinho dos Santos, Maysa, todo mundo gravou. Não vi um tostão, mas tudo bem.

JVP – Com “Desafinado” e “Chega de saudade” João Gilberto causaria o impacto decisivo, não foi?

OCN – Ah, foi. Como se diz em inglês, João Gilberto *single handedly* inventou a batida da bossa nova. O samba é um *composite*, um amálgama de vários instrumentos de percussão. João pegou esse conjunto e decantou, a expressão que gosto de usar é essa, decantou a essência do ritmo, fez um negócio simples que se tornou mágico quando ele lhe acrescentou a voz. O primeiro ingrediente da receita é o ritmo decantado, que ele inventou. O segundo, o equilíbrio entre a voz e o violão. O violão era um instrumento perfeito porque, mais delicado que o piano, podia integrar-se ao volume da voz do João. A nota que ele emitia complementava o acorde. Ele canta uma nota e faz o balanço, o equilíbrio dessa nota com o violão, de maneira que, quando muda a harmonia, o resultado é harmônico. Por exemplo, nesta nota (emite a nota vocalmente e acompanha ao violão) o equilíbrio é tão bom que você percebe todas as mudanças harmônicas. O João dominou isso. A primeira vez que ouvi João, tive a sensação de uma janela abrindo. Daí para diante a música nunca mais seria a mesma. João tinha o talento e a convicção pessoal, influenciou todo mundo. Eu tenho certeza de que a minha música não seria a mesma se não tivesse havido o João. Não só eu, mas também o Tom, Menescal, Carlinhos.

JVP – Que turma aquela: Tom, João Gilberto, você e

ainda Roberto Menescal, Carlos Lyra... Como você conheceu Menescal?

OCN – O Menescal conta uma história que me encabula, mas é ótima. Ele também foi parar na garagem de minha casa por um convite do Mário. Eu trabalhava na Caixa Econômica, voltei e encontrei meu irmão tocando com um sujeito que nunca tinha aparecido por lá. Ainda de terno e gravata, louco para tocar, tirei o violão da mão do Menescal, sem dar uma palavra... Não lembro de nada disso, mas quando perguntei ao Menescal se fez isso mesmo, ele afirma: “fez!”. Foi assim que a gente se conheceu. Eu adoro o Menescal, é gente finíssima, além de ser um compositor imprescindível no cenário da bossa nova. Carlinhos Lyra, também. O *songbook* do Carlinhos é de uma qualidade sem par.

JVP – A primeira e histórica gravação de bossa nova foi de Elizeth Cardoso, no LP “Canção do Amor Demais”...

OCN – Foi a única vez que o João Gilberto tocou violão para alguém, numa gravação.

JVP – ...mas na época, o que fazia sucesso era a música para curtir dor de cotovelo, no escurinho da boate. Ruy Castro, no seu novo livro “A onda que se ergueu no mar” (*), tem uma sacada genial: a bossa nova tirou a música brasileira do inferninho e a abriu para o mar.

OCN – Boa. Era uma música de boate, porque uma música de adultos, enquanto a bossa nova era uma música de jovens que não tinham nem idade para ir aos night clubs. Eu freqüentava night club disfarçado. Ia ao Little Club, um bar de jazz no Beco das Garrafas, assistir Dolores Duran. Quando a polícia dava uma batida, o pianista da casa saía e eu sentava ao piano. Ninguém pedia a identidade do



O samba é um *composite*, um amálgama de vários instrumentos de percussão. João pegou esse conjunto e decantou, a expressão que gosto de usar é essa, decantou a essência do ritmo, fez um negócio simples que se tornou mágico quando ele lhe acrescentou a voz.

pianista. Quando a polícia saía, o pianista voltava e eu sentava à mesa de novo. Nem bebia, ia só para ver Dolores. Estávamos interessados na música. Não queríamos mais nada. O barato era a música. Foi nessa época que disse à minha mãe que não ia mais ser médico, ia ser músico. Criamos uma academia musical numa casa que Carlinhos arrumou com um amigo e os três, ele, Menescal e eu, cada um numa salinha, dávamos aulas de violão. Além disso, eu tinha um conjuntinho de dança. Comecei a me sustentar com o que ganhava em festas. Tocávamos de tudo: bolero, rock'n roll italiano...

JVP – Enquanto isso, a bossa nova começava a se

popularizar. Nasceu no Rio, mas parecia que, de norte a sul, os brasileiros estavam preparados para recebê-la...

OCN – ...e os músicos americanos também. Àquela altura, Herbie Mann já tinha ido gravar no Brasil, Paul Winter tinha acabado uma tournée patrocinada pelo Departamento de Estado (dos EUA), descobriu a bossa nova e acabou morando 6 meses no Brasil. Winter gravou com Luisinho Eça, com Menescal e aí a coisa engrenou. Um *discjockey*

chamado Felix Grant levou para Washington vários discos de bossa nova, colocou no ar e começou a espalhar o "gospel" da música brasileira.

JVP – Vários intérpretes americanos gravaram discos com músicas brasileiras, inclusive Nat King Cole. Sarah Vaughn, Lena Horne, Sammy Davis Jr, Billy Eckstine, todos passaram por lá.

OCN – Os que iam se apaixonavam pela música brasileira. Essa era a música que os jazzistas queriam tocar. Há uma observação interessante. Por ser uma decantação da complexidade do samba, os americanos encontraram na bossa nova um tipo de samba que

podiam tocar. O ritmo do samba era difícil para eles (naquele tempo, hoje tocam de tudo), mas a bossa nova tinha o apelo harmônico para o músico de jazz. Isso, junto com um ritmo que era reproduzível, ajudou a música a viajar.

JVP – Aí vem o disco do Stan Getz, em março de 1962...

OCN – Quem convenceu Stan Getz a fazer o disco foi Charlie Byrd, que era um guitarrista clássico, tinha estudado com Segovia. Para ele, a bossa nova era a sopa no mel. "Desafinado," com Stan Getz, vendeu uma barbaridade. Getz, aliás, sempre foi corretíssimo comigo.

JVP – Mas parece que ele tinha um temperamento difícil, há várias histórias. Uma engraçada é aquela da gravação do disco, Stan fazia um solo e, querendo se reassegurar, virava para Tom Jobim e sussurrava: "How was it?" E Tom, imperturbável: "Stan, have another scotch."

OCN – Há várias histórias, mas a verdade é que a gravação de "Garota de Ipanema" estourou no mundo. Segundo soube, Norman Gimble não queria usar a palavra Ipanema na versão para o inglês, alegando que ninguém saberia do que se tratava. Tom bateu o pé: "No Ipanema, no song". Hoje em dia, todo mundo sabe onde fica Ipanema.

JVP – Traduttori, traditori. São sempre um problema, mas eu gosto da versão de "Insensatez". Ruy Castro... tenho uma grande admiração pelo Ruy Castro. Ele diz no livro "Chega de saudade" (*) que João Gilberto inventou a batida para cantar as músicas de que gostava, do jeito que gostava. O Ruy Castro está fazendo parecido, encontrou um veio para contar a vida das pessoas de que gosta – aliás, não só ele, como João Gilberto, Tom Jobim, Garrincha, Nelson Rodrigues... Ruy Castro considera Gene Lees o melhor versionista americano de bossa nova.

OCN – Gene Lees é canadense, mora em Ojai. Trabalhava muito com o Tom. Adoro conversar com o Gene, ele é muito lido, morou em Paris. A primeira



letra dele para uma música do Tom, na verdade a primeira versão que fez na vida, foi o “Samba do Avião”. Gene me contou que estava no hospital, no Brasil, com a perna quebrada e escreveu para o Tom, que ele havia conhecido no Rio. Gene Lees foi para o Brasil com Paul Winter em 61. Ele era o supervisor da tal *tournee* patrocinada pelo Departamento de Estado. Segundo Gene, ao final da excursão pediram que ele fosse ao Departamento de Estado prestar contas. Ele foi com uma caixa de sapatos cheia de recibos e jogou em cima da mesa do funcionário... Ele também era um garoto naquela época.

JVP – O sucesso de Stan Getz e Charlie Byrd com “Desafinado” abriu o caminho para o Concerto do Carnegie Hall.

OCN – Sidney Fry, um ex-marinheiro mercante que se apaixonara pelo Brasil, pegou o *publishing* de vários artistas e os convidou para fazer um concerto em Nova York. Eu fui convidado, não pelos meus belos olhos e sim porque Fry queria divulgar um disco que gravara comigo, chamado “Oscar Castro Neves Big Band Bossa Nova”. Mas não dava para patrocinar todo mundo e ele se limitou a dizer que incluiria no concerto todos os que fossem a Nova York. Foi aí que entrou o Itamaraty, graças a Deus. O então chefe da Divisão de Difusão Cultural, Mario Dias Costa, foi encarregado pelo Itamaraty de organizar a ida do pessoal, conseguiu as passagens na VARIG com Rubem Berta... e o resto é história. Foi todo mundo.

JVP – Tom dizia que “o Brasil não é para iniciantes”, referindo-se àquela tendência nossa de falar mal das pessoas que fazem sucesso. As primeiras notícias que chegaram ao Brasil foram de que o espetáculo havia fracassado...

OCN – Mas, nas circunstâncias, foi um sucesso. Os gran-

des músicos americanos estavam nas primeiras filas. O show teve uma parte americana, Stan Getz tocou, a orquestra de Gary MacFarland, o Trio do Lalo Schifrin. Agora, em 1962 não havia os *mixing boards* que existem hoje. Tínhamos três microfones no *Carnegie Hall*, um para a gravação do show, outro do som para a platéia e um terceiro para a transmissão ao vivo para rádio. Cada intérprete tinha uma floresta de fios e microfones na frente. Se você acrescentar a isso o fato de que a platéia ficou duas horas nos ouvindo cantar somente em Português, concluirá que a reação foi ótima. Aconteceu também que os jornais estavam em greve e, por isso, não houve uma repercussão tão grande na imprensa especializada.

JVP – Muitos saíram do Brasil mal preparados para um show daquele porte. Contam que Tom desceu do avião com um terno de tergal naquele frio de novembro em Nova York...

OCN – Passei dois dias ensaiando o pessoal, ninguém tinha acompanhante. O Menescal diz que só cantou uma vez na vida em público e foi no *Carnegie Hall*. Não lembro bem, mas acho que houve uma reportagem de cinco, seis páginas no *O Cruzeiro*, que era a grande revista da época. Valeria a pena fazer uma pesquisa para ver o texto original, que não era dos melhores, “Bossa Nova desafina no Carnegie Hall”, nesse gênero. Vai ver que a imprensa não foi convidada. Estou conjecturando, mas se o Fry não podia pagar passagens para todos os artistas, tampouco deve ter convidado a imprensa brasileira.

JVP – O Carnegie Hall foi importante para abrir o mercado internacional. É claro que a música brasileira já tinha uma aceitação internacional...

OCN – Na Europa, o filme “Orfeu do Carnaval” abriu



Tínhamos três microfones no Carnegie Hall, um para a gravação do show, outro do som para a platéia e um terceiro para a transmissão ao vivo para rádio. Cada intérprete tinha uma floresta de fios e microfones na frente.

muitas portas, depois de ganhar a Palme d'Or em Cannes. Nos Estados Unidos sempre houve um certo fascínio pelo Brasil, desde a época de Carmem Miranda com seus balangandãs, miçangas e bananas "south of the border". O Brasil sempre teve carisma e a bossa nova acrescentava sofisticação e talento. Tom Jobim era um músico completo, João Gilberto, aquela maravilha e havia muitos outros, muitos outros talentos extraordinários. Rapidamente o "Samba de Verão" de Marcos Valle chegou ao número 3 da parada de sucessos da Billboard, na gravação do Walter Wanderley.

JVP – Marcos Valle tinha uns vinte anos na época...

OCN – Ele ainda está com vinte anos. Estive com ele há pouco e ele ainda está com vinte anos...

JVP – A bossa nova abriu cabeças e mercados também no Brasil.

OCN – Nara tomou uma decisão artística muito oportuna, gravou os compositores do morro e do nordeste, como Zé Ketty e João do Valle. Nara fez a ponte entre estilos e gerações, fez a releitura daqueles criadores. Claro que no mesmo disco não iriam caber Menescal e Ronaldo Bôscoli. Mas não houve briga,

Nara e Menescal eram amigos de infância. Carlinhos Lyra tinha um envolvimento pessoal com a esquerda, era do CPC da UNE e tinha o estímulo político para se envolver com a música que se rotulou de protesto, fazia parte da verdade política dele. Eu era alienado politicamente, uma lacuna da minha adolescência. Só queria saber de música. Carlinhos era mais velho do que eu, nem conversava sobre política comigo. Ele era engajado, para usar o termo da época. Aquele momento no Brasil parecia mágico, de uma musicalidade fantástica e uma camaradagem permanente. Gosto de olhar para trás e lembrar de como era bom viver. Era

ótimo. Eu mantenho as minhas relações, todo mundo continua amigo, nesse ponto é como se nada tivesse mudado na minha vida. Eu tenho orgulho de ir ao Brasil e sentir o carinho dessas pessoas. A amizade, apesar da distância, não sofreu solução de continuidade e eu me sinto muito feliz por isso. O Menescal me é muito precioso e ele sempre se demonstra feliz por falar comigo. Para mim é muito grato isso.

JVP – Havia homens de negócios com sensibilidade suficiente para acreditar na nova geração de músicos que vinha surgindo.

OCN – Aloysio de Oliveira e André Midani foram importantíssimos para a bossa nova. Aloysio tinha sido o líder do Bando da Lua, namorou Carmen Miranda e foi com ela para os EUA. De volta ao Brasil, tornou-se diretor artístico da Odeon e depois fundou a Elenco. Aloysio deu início à carreira de Tom Jobim como arranjador, lançou João Gilberto, Alaide Costa, Elza Soares, uma lista enorme de talentos começou profissionalmente com ele. A Odeon disputava mercado com a Phillips, dirigida por André Midani, outro nome essencial na história da bossa nova.

JVP – Depois do Carnegie Hall, muitos músicos decidiram desenvolver uma carreira no exterior.

OCN – Houve um segundo concerto com a mesma turma, em Washington, patrocinado pelo Roberto Campos, que era o embaixador na época. Depois, um monte de gente foi embora. Eu tinha negócios com o Sidney Fry, fiquei algum tempo. Fiz uma excursão muito boa à Califórnia, toquei com o Quinteto de Dizzie Gillespie, o Trio do Lalo Schifrin, o Quarteto do Stan Getz, o Quarteto do Laurindo de Almeida, que tinha Bud Schank, Ray Brown e Shelley Man e o meu grupo, formado por mim (no piano, não no violão), meu irmão, Iko, no contrabaixo, um baterista chamado Roberto Pontiel e o guitarrista Henry Willcox. Hoje em dia um é médico, outro advogado, outro arquiteto e eu permaneci músico. Depois disso, tive um contrato com o *Waldorf Astoria*, tocava para dançar, no *Empire Room*. Tinha um cartaz na porta do *Waldorf Astoria*: "Oscar Castro Neves, The King of Bossa



Nova”. Na verdade eu tocava lá para dançar. Depois, voltei para o Brasil. Na verdade, fui me separar da minha primeira mulher. Só voltei depois, em 1967.

JVP – Quer dizer, você ficou no Brasil quatro anos, a partir de 1963. O que fazia nesse tempo?

OCN – Eu me tornei arranjador. Existia uma gravadora, a RGE, cujo dono, José Scatena, estava produzindo uma cantora paulista chamada Ana Lúcia e me convidou para fazer os arranjos. Eu nunca havia escrito para orquestra, na verdade nem escrevia música direito. Pedi ajuda a um amigo, que escreveu uma parte para fagote e me ensinou a contar na mão para fazer o desenho rítmico. Fui para casa, escrevi os arranjos e virei arranjador.

JVP – Fale da sua vida a partir de 1967, nos Estados Unidos.

OCN – Vim com o Aloysio de Oliveira e o Quarteto em Cy. Era o arranjador, o quinto em Cy. Eu tinha um acerto com o Quarteto. Como eu escrevia tudo que elas cantavam, detinha 1/5 do grupo, mesmo que não estivesse na apresentação. Digamos que elas fossem gravar na Globo, com orquestra e não precisassem de mim. Como estavam cantando o que havia sido escrito por mim, eu continuava sendo o quinto em Cy. Essa relação profissional e amistosa durou anos. Até hoje somos muito próximos. Viemos pela primeira vez aos EUA em 67, junto com o Marcos Valle, para fazer um *guest shot* no Andy Williams Show, um programa de variedades, onde já tinham se apresentado Caimmy e Tom. Aproveitamos e fizemos um disco para a “Reprise”, chamado “Revolución con Brasilia”, jogada de *marketing* da Warner Brothers. Só soube do título depois do disco feito, evidentemente. O repertório era brasileiríssimo: Chico Buarque, Tom, música minha, o disco é todo brasileiro. O título é ruim, mas o disco é

muito bom, modéstia à parte. As Cys estão ótimas. Foi produzido por Sonny Burk, que era o produtor do Sinatra na Reprise. Depois, Brasil de novo. Em 68, voltamos, o Quarteto, o Aloysio de Oliveira e eu, para aparecer, teoricamente, em quatro episódios de um programa de tv que ia estrear e acabou não funcionando, o Carol Burnett Show. Aloysio vendeu a “Elenco” e veio com a gente. Ele era casado com a Cyva, na época. Aí, duas meninas foram embora para o Brasil e acabou o Quarteto. Mas eu estava começando a gravar com Sérgio Mendes em estúdio, achei melhor ficar. Nunca planejei ficar, “vou ficar para mais uma gravaçãozinha, vou ficar mais um mês...”. Hoje em dia olho para trás e constato que vivo aqui há 34 anos. Não saí mais. O Aloysio brincava: “Oscar, se você fica 3 anos, você sente que tem de voltar ao Brasil; se ficar 7 anos, você ainda “tem de voltar”, mas se ficar mais de 7 anos, não volta mais”. Não deu outra. Metade da gente é o que a gente faz, não é? Estava bem profissionalmente, a carreira começou a dar certas alegrias. Comecei a orquestrar para filmes, no Brasil tinha estudado um pouco de instrumentação com Moacir Santos, burilei um pouco, comecei a vestir chapéus diferentes na profissão da música. Fui produtor de discos, diretor musical de shows, quando um telefone ficava mudo, outro tocava e ia dando para pagar as contas no fim do mês.

JVP – E como foi dirigir os shows brasileiros no Hollywood Bowl?

OCN – Foi muito interessante, queria vender ao Hollywood Bowl a idéia de um show de música brasileira e a resposta foi: “Só estamos interessados se você conseguir Mr. Jobim, porque já tentamos várias vezes, e não conseguimos”. Eu disse: “Olha, para mim é muito fácil telefonar para Mr. Jobim, só não posso obrigá-lo a



Comecei a orquestrar para filmes, no Brasil tinha estudado um pouco de instrumentação com Moacir Santos, burilei um pouco, comecei a vestir chapéus diferentes na profissão da música. Fui produtor de discos, diretor musical de shows, quando um telefone ficava mudo...

dizer sim, com ele não é assim tão simples, mas posso ver se consigo”. Foi exatamente na época em que estava produzindo os discos com o Toots Thielemans, *Brazil Project 1* e *Brazil Project 2*. O pacote era abrir o show com Toots e o repertório dos dois projetos, ou seja, Ivan Lins, Eliane Elias, Dori Caimmy e deixar o Tom para o final. Liguei para Tom e ele: “Oscar, como é? Qual é a grana, que dia”, etc. Passei as informações e o Tom sempre com aquela reação (sussurrando) “Ah, Oscar, não sei...”.

Só um parênteses, essa outra história é ótima. Eu estava no Rio, fazendo “Blame it on Rio”, época, aliás, em que conheci Laurie, minha mulher, quando toca o telefone:

“Mr. Neves? Aqui é (imita alguém falando alemão) o diretor da Sinfônica de Viena. Queríamos convidar Mr. Jobim para uma performance”. Disse a mesma coisa, falar com Tom é fácil, ele concordar é que são elas e perguntei “qual é a data?” Ele deu uma data dali a três anos. Liguei para Tom e ele (imitando Tom, falando em sussurros): “Ah, Oscar, você está brincando. Não sei nem o que vou fazer amanhã, sei lá onde estarei daqui a três anos.

Converse com o rapaz, diga que posso até ir, mas como é que eu vou saber?” Liguei de volta para o alemão: “Escuta, você tem autoridade para manter uma data aberta na estação de daqui a três anos?”. “I’m Herr Direktor, claro que tenho”. Por que então você não guarda uma quarta-feira aberta e a gente fala com

o Jobim um pouquinho mais perto. E o Tom fez o concerto (risos).

JVP – E ao Hollywood Bowl, ele veio?

OCN – Veio e foi tão bom que durante 6 anos eu produzi a noite brasileira no Hollywood Bowl.

JVP – Você agora está escrevendo para um show de televisão. Como é isso?

OCN – Estou fazendo a trilha para um seriado de televisão, com uma atriz muito conhecida aqui, Julie Louise Dreyfuss, a Elaine do seriado “Seinfeld”. No novo programa, cujo produtor é o marido dela, Brad Hock, ela faz a Ellie, um personagem que é cantora de música jazzística. Criei um excelente grupo de jazz para fazer a trilha do programa e ela canta canções que eu compus e outras músicas brasileiras. No primeiro capítulo, o de estréia da série, ela cantou “Summer Samba”, do Marcos Valle. O namorado dela no seriado é guitarrista, sou eu quem toca por ele em todas as faixas do programa. É muito divertido.

JVP – Num dos episódios, seu nome é citado com todas as letras, como sinônimo de alta qualidade, de sofisticação. É a prova não só do seu prestígio, mas também da aceitação da música brasileira neste país...

OCN – Nos Estados Unidos, Califórnia e Nova York são os focos em que a música brasileira tem maior prestígio. Está havendo um renascimento da bossa nova, ao mesmo tempo em que outros artistas, como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Milton Nascimento tornaram-se grandes nomes do cenário chamado de world music. Na Califórnia é visível a aceitação, até em clubes menores há sempre alguém cantando “The girl from Ipanema”, “Summer Samba”, “How insensitive” e por aí. A música brasileira é um dos gêneros musicais já absorvidos, faz parte do dia-a-dia californiano.

Nos Estados Unidos, Califórnia e Nova York são os focos em que a música brasileira tem maior prestígio. Está havendo um renascimento da bossa nova, ao mesmo tempo em que outros artistas, como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Milton Nascimento...

Concordo com você, o método mais fácil de divulgar a cultura brasileira, fazer negócios e aumentar o comércio com a Califórnia é utilizar a música. Aqui, e na Europa também, é muito comum as grandes companhias organizarem convenções onde a música se torna um dos atrativos para os participantes e o público em geral. A música se torna uma parte fundamental, uma alavanca da convenção. Toots Thielemans, por exemplo, está sempre fazendo apresentações em convenções, não só de empresas belgas, mas também da IBM, American Airlines, Continental Airlines. A parte musical das convenções é um business enorme. Não vejo isso acontecer, ainda, com empresas brasileiras. Seria interessante se elas considerassem essa possibilidade. Se o veículo é tão bom, vamos usá-lo.

JVP – Seria oportuno, há muitos musicômanos entre os homens de negócios que certamente se sentiriam atraídos por um evento em que pudessem assistir apresentações de bons artistas brasileiros. Na Califórnia, a música brasileira é um cartão de visitas, é mais associada à imagem brasileira do que o café.

OCN – Na Califórnia, nos Estados Unidos, aliás no mundo todo a bossa nova está se beneficiando de dois estímulos. Um é o *revival movement*, ou seja, a volta dos velhos sucessos, como eram na bossa nova clássica e o outro é o *retro movement*; ou seja, a bossa nova com loops, samplings, remixes, drum machines, a nova bossa nova do Bossacucanova e da Bebel Gilberto. O disco da Bebel vendeu à beça na Europa e aqui também. Fui ver a Bebel em San Diego: lotado! A Bebel até comentou: “Pô, aqui tem gente muito mais jovem do que eu!”

JVP – Oscar, e o seu novo disco, como anda?

OCN – Estou preparando dois. Um está na gaveta ainda, o outro é muito simples, despojado, meio sem vergonha, estou até cantando.

JVP – É o primeiro em que você canta?

OCN – É. Não me considero um cantor, mas gosto de cantar certas músicas, como um “trobador”, por causa das letras ou da harmonia da música. Estou fazendo

uma coletânea de músicas internacionais, americanas, brasileiras, italianas e cantando tudo em ritmo de bossa nova. É um disco basicamente centrado em voz e violão e, como eu toco vários instrumentos, vou colorir um pouco com coisas em volta, overdubs e gostaria de ter um ou dois convidados, talvez Dave Grusin, um pianista muito amigo meu, e um violinista chamado Charley Bisharat. Será sobretudo um disco de bossa nova, despojado e simples. Vou cantar “Águas de Março”, vou cantar “Les feuilles mortes”, “My foolish heart”, aliás, o título do álbum vai ser “My foolish heart”. Eu sou um romântico, “My foolish heart” é uma canção muito querida, tem um histórico pessoal... Escolhi músicas de que gosto, estou pondo no meu tom e vou tentar dar o recado. O outro é um disco mais orquestral, com aquela mesma banda com que toquei em Ojay e nesse último show em Marina del Rey. Naqueles shows, praticamente só toquei Jobim; no disco, além de coisas do Jobim, vou compor alguns originais.

JVP – Você tem idéia de quantas canções já compôs na vida?

OCN – Ah, não. A gente compõe, põe na gaveta, sei lá. Devia me esforçar mais, me dedicar mais, mas uso tantos chapéus, compositor, guitarrista, pianista, arranjador, produtor. Viajo muito, o tempo, a tranquilidade, a concentração para compor nem sempre aparecem. Mas pelo menos não me considero um compositor bissexto, estou com a gaveta cheia. Minha vida continua assim, continuo eclético. Sou muito feliz com a música, ela me dá muito. A música me dá muito mais do que dou para ela. Eu devia retribuir mais, devia me dedicar à música com M maiúsculo. Talvez no ano que vem...

Livros citados:

*João Máximo e Carlos Didier, Noel Rosa. Uma biografia. Editora Universidade de Brasília, 1990.

*Ruy Castro, Chega de saudade. A história e as histórias da bossa nova. Companhia das Letras, 1990.

*Ruy Castro, A onda que se ergueu no mar. Novos mergulhos na Bossa Nova. Companhia das Letras, 2001.



Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)